3 DE MAIO DE 1817

O Movimento de 17 no Ceará

A 23 de Março tocava no porto de Fortaleza uma jangada, que ia de passagem para Parnahyba. Ia nella a fugir do movimento revolucionario, que rebentara em Pernambuco, um caixeiro de um negociante do Assú.

Chegando ao palacio do governador Manoel Ignacio de Sampaio, o fugitivo pol-o ao corrente dos factos principaes alli desenrolados. Embora a defficiencia e o vago das informações, o governador tratou de conferenciar com os principaes militares da Capitania, de cuja coadjuvação certificou-se, e de acautelar-se contra possiveis surprezas.

Que havia alguma cousa no ar, alguma cousa a receiar-se, bem sentia elle, que ha muito vinha acompanhando os passos de alguns habitantes contra os quaes se murmurava na villa, homens suspeitos de ter e propalar ideas avançadas e conceitos subversivos. Delles os mais em vista eram o naturalista João da Silva Feijó, Fluminense, o Vigario Antonio José Moreira, Cearense, e o Ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho, Bahiano; este principalmente encarnava o espirito liberal na Capitania.

Contra o primeiro vinham de ha muito as precauções e tanto que indagando uma feita o Secretario Marquez de Aguiar si havia inconveniencia para o real serviço em se conceder a Feijó um anno de licença, respondeu-lhe Sampaio que longe de ser inconveniente a licença, muito lucraria com ella a tranquillidade pu-

blica e bom seria até que mesmo na Corte, onde se achava, fosse Feijó conservado sob a vigilancia da Policia.

Os precedentes de Feijó realmente auctorisavam suspeitas; quando Secretario do governo da Ilha de S. Thiago do Cabo Verde fôra amigo e protector das victimas na Conjuração Mineira, era em extremo dedicado a Domingos José Martins, prodigo de seu lado em amabilidades e favores como o de pagar-lhe as despezas de passagem para o Rio e de assistir a familia com a precisa mesada todo o tempo que ella permaneceu em Pernambuco.

Não menos estreitas eram as relações existentes entre Martins e o Ouvidor, que viviam a trocar assidua correspondencia; estando aquelle no Ceará em 1814 como hospede de Lourenço da Costa Dourado e enfermando gravemente, servira-lhe Carvalho de assiduo e cuidadoso enfermeiro.

O Capitão Mor de Olinda, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, tambem figura saliente entre os futuros rebeldes de Pernambuco, andou no Ceará, em 1815, e durante a estadia em Aracaty viveu em estreita intimidade com os irmãos Costa Barros e João Tiburcio Pamplona. Convidado instantemente por Sampaio para visitar Fortaleza, se recusou sempre a acceder aos convites.

A seu respeito escreveu Sampaio: «Sua viagem a esta Capitania me causou grande desconfiança, empreguei todos os meios politicos para que viesse a esta Capital a fim de melhor poder sondar as suas opiniões e não o pude conseguir».

Martins, Feijó, Carvalho e Francisco de Paula eram pedreiros livres.

A 29 de Março a tarde chegava o Ouvidor á Fortaleza após marchas forçadas e apezar do mau tempo, indo recebel-o apenas o Vigario Moreira e o logista Mariano Gomes da Silva, seu agente de negocios.

Nessa mesma noite desembarcava de bordo do bergantim Amante da Innocencia Manoel Gomes da

Cunha, homem do commercio. Era um outro fugitivo do Recife para onde fôra a 6 de Fevereiro como passageiro da escuna Bella Elisa.

Chamado egualmente a comparecer perante a auctoridade, ministrou informações minuciosas sobre o que presenceara e ouvira. Foi-lhe ordenado completo sigillo a respeito, e de conformidade com as noticias tomaram-se desde logo as medidas, que o caso reclamava.

Quando a 13 de Agosto e 2 de Setembro pediu Sampaio que fossem recompensados varios habitantes pelos seviços, que haviam prestado á causa real, não esqueceu Gomes da Cunha. «Foi ás suas informações, escreveu, que devi o exactissimo conhecimento do que naquella epocha tinha acontecido em Pernambuco e sem ellas ter-me-ia sido muito mais difficil providenciar a defesa da Capitania. Por este motivo e pela fidelidade a S. Mag.de que o dito Manoel Gomes soube sustentar no meio de rebeldes me parece digno de ser premiado ou com hua pensão vitalicia ou com a insignia da Ordem de S. Tiago da Espada».

Os outros dignos, a seu conceito, de mercês e recompensas foram dentre os civis Vicente Ferreira de Castro e Silva e o irmão Manoel do Nascimento, o futuro Ministro da Fazenda, Manoel José de Albuquerque, Marcos Antonio Bricio, Manoel Brigido dos Santos, Francisco Miguel Pereira, que foi um dos martyres da Revolução do Equador, e João Antonio Ferreira Chaves e na lista dos militares o Engenheiro Silva Paulet, C.el José Pereira Filgueiras, o Official de marinha José Firmino da Silva, Sargento mor F.co Xavier Torres, Capitão Manoel da Cunha Pereira, C.el Leandro Bezerra Monteiro, José Victoriano Maciel, Cel Alexandre José Leite de Chaves e Mello e José Alves Feitosa, Capitão-mor das Ordenanças de S. João do Principe.

Em Outubro de 1818 pediu ao Ministro Villa Nova os favores da munificencia regia tambem para os P.es

Gonçalo Ignacio de Loiola Albuquerque Mello, José Bernardo da Fonseca Galvão e Joaquim de Paula Galvão.

Citar esses nomes é o mesmo que relacionar os principaes sustentaculos do realismo no Ceará, os que apoiaram a obra de Sampaio.

Com a chegada pela manhã de 30 do pessoal da correição, que pela precipitação da viagem do Ouvidor não podera acompanhal-o, coincidiu o boato de que este magistrado vinha criminar todos os Officiaes da Tropa de Linha e prender Francisco Ignacio da Costa, sargento mor das milicias de Sobral, seu desaffecto, ainda que fosse entre as pernas do proprio governador (palavras de Carvalho). Dahi grande alvoroto no seio da tropa e entre o povo, que, aliás, desconhecia ainda o que estava a occorrer nas outras Capitanias.

Tal era o estado dos animos em Fortaleza quando no mesmo dia correios e expressos, sendo um delles para o Ouvidor, puzeram claros á população os acontecimentos de Pernambuco, sendo que ás mãos de algumas pessoas vieram ter as proclamações dos chefes revolucionarios.

A confusão estabeleceu-se então em todos os angulos da villa, a anciedade fez-se geral, tudo era conjecturas, apprehensões e receios.

Sampaio, conhecedor dos homens da Capitania e das idéas e affeições de cada um, como o mais responsavel na manutenção da ordem publica usou logo de rigorosas providencias, tratou de manietar ou de inutilisar os que julgava cabeças do provavel movimento e impedir que esse rebentando se alastrasse na Capitania, confiada á sua guarda e á sua fidelidade, embora lhe faltassem petrechos bellicos e fosse grande a escassez dos viveres devido á secca, que assolava.

Seu primeiro acto foi cercar as casas do Ouvidor, Vigario Moreira e Mariano Gomes e apprehender-lhes todos os papeis. A prisão do primeiro foi feita á ordem de S.

Mag.e e de Mariano á ordem delle governador. Carvalho, porem, tivera tempo para fazer desapparecer parte da sua correspondencia, especialmente a recebida horas antes via Aracaty.

Deixou de ser preso o Vigario Moreira por se arrecear Sampaio que o acto contra um ministro da Religião despertasse o clamor do povo ignaro e porque não seria apoiado pelos governadores do Bispado, que estavam de corpo e alma com os levantados de Pernambuco, mas o que não praticou com Moreira fez executar com o P.e Francisco Manoel de Barros, nomeado para coadjuctor de Aracaty. Amigo de Francisco José Martins e commensal de João Ribeiro, não tinha este raizes no Ceará, não dispunha ainda de elementos, e pois foi agarrado ao desembarcar a 3 de Abril. Já ao passar no Rio Grande fôra preso, mas liberto pela revolução podera proseguir na viagem mercê de uma guia, que em data de 29 de Março lhe fornecera o Governo Provisorio. Entregue ao julgamento da Alçada, foi posto em liberdade 3 annos depois por Aviso Real de 2 de Dezembro de 1820.

Outras muitas e importantes medidas tomou Sampaio para suffocar qualquer tentativa de levante. Sua actividade naquella emergencia foi verdadeiramente pasmosa. Mandou deter todas as embarcações, que nos diversos portos estavam a ponto de sair para Pernambuco; insinuou aos creadores que era arriscado enviarem seus gados para as Capitanias rebelladas e logo depois estabeleceu presidios nas principaes estradas para embaraçar effectivamente a descida dos gados caso alguem intentasse ir vendel-os aos levantados; guarneceu as fronteiras de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande, mormente as visinhanças de Aracaty para onde, se propalava, seguiam em marcha rapida rebeldes das Capitanias limitrophes; estabeleceu presidios em varios pontos da costa; construiu fortificações provisorias em Fortaleza; montou á sua custa uma guarda para a propria defeza e garantia; armou os indios das aldeias visinhas da Capital;

remetteu para a Relação do Maranhão os presos por crime de morte existentes em Fortaleza.

A tropa, essa então mereceu-lhe especial attenção e pois tratou de se assegurar do Batalhão de Linha, augmentando-lhe o soldo, nomeando os alferes em commissão para supprirem os postos que havia vagos, promovendo os officiaes inferiores uns á effectividade e outros como graduados e fazendo constar que todo o cidadão que sentasse praça voluntariamente, passado o conflicto, obteria baixa quando a requeresse, o que fez crescer extraordinariamente o numero dos voluntarios apresentados.

Taes medidas geraram verdadeiro enthusiasmo nos circulos militares. Por este lado estava ganha a partida.

Do commando e fortificação da costa de Aracaty e bem assim do cruzeiro de jangadas, armadas em guerra, estabelecido com o fito de interceptar a passagem de pessoas suspeitas, foi encarregado o habil e activo 2.º T.te da armada José Firmino da Silva, ajudante de Silva Paulet com quem começou a trabalhar a 18 de Maio de 1814. Era filho de José Antonio da Silva, tambem Official de Marinha, que quando commandante da charrua Neptuno falleceu no Porto de Rosas devido a ter-lhe caido sobre os peitos uma das barras do cabrestante, e fizera o curso completo das mathematicas sempre com approvações plenas sob a direcção de mestres notaveis, entre os quaes Manoel do Espirito Santo Limpo e Francisco de Paula Travassos.

Como seu pae, foi victima de um accidente, morrendo em Setembro de 1819 afogado no porto de Fortaleza onde estava ancorada a Velha de Diu, escuna de guerra sob seu commando. Substituiu-o interinamente no commando o 2.º T.te José Maria Saturnino da Fonseca.

A Velha de Diu entrara aqui a 20 de Janeiro commandando-a o Cap.m de Fragata graduado José Antonio da Caminha, e havia sahido a 29 quando no dia seguinte foi atacada por um corsario, que fugiu bas-

tante avariado. Tendo soffrido os reparos precisos, saiu a 16 de Fevereiro para Pern.co a continuar o seu cruzeiro, mas houve de entrar de novo em Fortaleza a 15 de Março por difficuldades de navegação e serias avarias. Submettida a tres vistorias julgou-se necessario envial-a ao Maranhão e como dera parte de doente o commandante teve de substituil-o José Firmino da Silva. Reparado, voltou o navio ao Ceará para retomar a artilharia e munições deixadas, e aqui encontrou a morte o official, cujo nome tão ligado ficou ao movimento de 17 na Capitania.

Seguro da collaboração da Tropa de Linha, Sampaio não teve duvida em assoalhar que estava decidido a usar das medidas as mais extremas, até mesmo o fuzilamento, contra quem quer que se collocasse ao lado do Ouvidor, pretendendo por esta maneira converter em amigos fieis alguns individuos fracos e vacillantes, o que com effeito conseguiu.

No intuito de aproveitar a disposição dos animos, interessar o povo e obter delle franca e inteira adhesão, a Camara de Fortaleza, clero, nobreza e povo reuniram-se em palacio no dia 6 de Abril para publicas manifestações ao Rei e á Casa de Bragança. O local da ceremonia, que se realizou com extraordinaria concurrencia, foi a sala do docel, onde estava a effigie de S. Magestade. Carregava o estandarte da Camara o Capitão mor Antonio José da Silva Castro. Serviu de interprete dos sentimentos dos manifestantes o presidente e Juiz de Fora Manoel José de Albuquerque, que leu a seguinte mensagem pelos presentes subscripta:

> «Ill.mo e Ex.mo S.r A Camara, Nobreza e Povo desta Villa penetrados dos mais vivos sentimentos de respeito, amor, gratidão e fidelidade a Real Pessoa de S. Mag.de El Rey Nosso Augusto Soberano e Senhor e a toda a Augusta Caza de Bragança vem no dia

de hoje destinado a sua Fausta Aclamação render na respeitavel prezença de V. Ex.ª como fiel representante do mesmo Real Senhor nesta Capitania, os mais puros votos da sua fiel vassalagem, rogando a V. Ex.ª queira acceital-os como hum penhor irrefragavel do seu Amor e Dever. A lamentavel desgraça a que a ingratidão, a perfidia e a traição acabam de arrastar Pernambuco tem amargurado nossos corações leaes, e firmes na nossa Fidelidade offerecemos a V. Ex.ia tanto os proprios bens como as proprias vidas, até ser derramada a ultima gota do nosso sangue pela Religião, pelo Rey e pela Nação do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves.

Tantas e tão sabias providencias com que V. E.ia tão prespicaz e cautelosamente tem obviado tantos males iminentes a este Povo, que tanto ama e respeita a V. Ex.ia, de Religião, amor e Patriotismo tantas e tão evidentes provas são outros tantos motivos que afiançando a nossa Fidelidade nos tem penhorado em hum perpetuo agradecimento. Queira portanto V. Ex.ª dignar-se levar a Real Presença de S. Magestade estes nossos fervorosos votos, filhos do dever e fortuna de sermos fieis e verdadeiros vassalos de tão grande Rey e Pai. Fortaleza em Camara de 6 de Abril de 1817».

O nono a assignar a mensagem foi o Vigario Moreira; precedia á sua assignatura a do Capitão-mor Antonio José da Silva Castro e seguia-se-lhe a do Capellão da tropa P.e Luiz Felix de Vasconcellos. Era o Vigario já um dos convertidos.

Terminada entre vivas e acclamações a allocução do Presidente da Camara, respondeu-lhe Sampaio *nos seguintes termos*:

«De largos tempos estou intimamente convencido do amor e fidelidade dos Povos do Ceará, assim como tambem desta Camara que os representa, para com a Augusta Pessoa de Sua Magestade e para com toda a Sua Real Familia, de que agora recebo novas provas, que eu me apressarei a levar a Real Presença do mesmo Senhor. Entre todo este Povo não será certamente possivel achar individuo algum que não estremessa e se não horrorise com a exposição do attentado, que acaba de ter lugar na Capitania de Pernambuco, cujos funestos resultados se poderião tambem fazer transendentes a esta do Ceará.

Ligado aos Cearenses por dever, amor e gratidão e com o seu auxilio não pouparei esforço algum para os pôr a salvo dos ataques e influencia daquelles detestaveis traidores.

Morrão os traidores. Viva El-Rey Nosso Senhor e toda a Casa de Bragança. Viva o fiel Povo do Ceará».

Ao concluir, Sampaio dirigindo-se para o lado em que se achava a Camara abriu os braços como para abraçar o Povo, e então todos os presentes prorompperam em brados enthusiasticos e aclamaram-o. Muita gente chorou, diz um documento da epocha.

Ao despedir-se a Camara, Sampaio levou-a até a porta e ordenou que o seu Ajudante de Ordens e a guarda acompanhassem-a até os Paços do Conselho, e dizendo um dos vereadores que S. Ex.ia não devia ficar sem a sua guarda, retorquiu-lhe: «Quem tem a fortuna de governar um povo tão fiel não necessita para sua guarda mais do que os corações do mesmo povo». Romperam novamente as acclamações ao governador, as quaes se reprodusiram pelas ruas e durante todo o trajecto até a Camara recolher-se aos seus Paços.

De tudo redigiu Sampaio um noticiario—Gazeta do Ceará—, que mandou espalhar em todas as villas da Capitania. Esse papel não era impresso, como vê-se de um exemplar do meu archivo. Da Imprensa Cearense é o 1.º fructo, sem que duvida faça, o *Diario do Governo do Ceará*, do P.e Gonçalo Mororó (1824).

As festas de 6 prolongaram-se pelos dois dias seguintes sob a forma de danças e divertimentos publicos, passeiatas de mascarados, que iam pelas ruas a repetir peças poeticas, a maior parte naturalmente allusivas aos acontecimentos. Em tudo isso andava o dedo de Sampaio.

Identicas manifestações, e pelo mesmo motivo, foram feitas por diversas Camaras da Capitania. Em Sobral surgiu uma certa opposição ao acto, mas venceu-a o Capitão Joaquim José Barboza; em Granja deixou de ter logar pelo voto do Com.te C.el Francisco de Carvalho Motta. Esse C.el por morte ou abandono de Sampaio seria um dos membros do Governo interino da Capitania. Como a historia se repete, dirão commigo os que conhecem o Ceará!

Não estaria senão a meio suffocada qualquer velleidade de insurreição permanecendo o Ouvidor Carvalho na Capitania, e por assim entendel-o aproveitou-se Sampaio da arribada á Fortaleza da Galera S José Jequiá, de propriedade de Isidoro d'Almeida e F.cs, que ia do Maranhão para Lisboa e então remetteu-o preso com recommendações especiaes ao commandante Constantino Guelfi, que se obrigou por escripto a entregal-o a D. Miguel Pereira Forjas. Foi recolhido ás prisões da Bahia a 16 de Abril de 1818 e mais tarde absolvido.

Um dos presidios estabelecidos, o de Canoa Quebrada, conseguiu colher ás mãos dois emissarios vindos de Pernambuco para revolucionar Fortaleza, Francisco Alves Pontes, genro de Ignacio Gomes Parente, e Mathias José Pacheco. Ha docs. do tempo que affirmam que nos, planos, que traziam, entrava tambem o assassinato de Sampaio.

Sahidos do Recife em uma jangada a 14 de Abril, estiveram 13 dias em Natal, frequentando o governo revolucionario e passeando pelas ruas da villa com as roupas dos patriotas, e havendo ahi comprado uma outra balsa nella se metteram, deixando na primeira os companheiros de viagem.

Viajavam juntas as duas embarcações quando na altura de Canoa Quebrada foram surprehendidos pelo presidio. Todas as testemunhas do inquerito a que procedeu o juiz Manoel José de Albuquerque, os jangadeiros e os companheiros de viagem, entre os quaes José Pacheco Lima, irmão de Mathias Pacheco, declararam que certos de não escaparem ao cruzeiro, antes de se entregarem á prisão Pontes e Pacheco atiraram ao mar a correspondencia de que eram portadores, bacamartes, polvora, tudo emfim que podia compromettel-os e insinuaram a todos como deviam responder aos interrogatorios da justiça, a que foram com effeito submettidos em Fortaleza nos primeiros dias de Maio.

Interrogados por sua vez, os dois confessaram haver atirado ao mar fardas, armas e polvora e não protestaram contra a increpação de que tinham vindo ao Ceará com o animo deliberado de assassinar as auctoridades e aliciar a tropa.

Para documentar a verdade de tão grave accusação Sampaio colligiu larga copia de Docs., figurando entre elles uma carta de 25 de Abril em que tratam do assumpto Antonio Germano Cavalcante e Antonio Freire de Amorim, membros do Governo legal do Rio Grande. O 1.º delles fôra companheiro de governo de André de Albuquerque Maranhão, com cuja morte, aliás, se regosija na dita carta nos termos mais odiosos e crueis. E' que os vencidos não têm amigos.

As fardas eram azues de vivos brancos com estrellas nos hombros, banda encarnada e topes brancos no chapeu sobre azul.

A informação prestada ao governo pelo juiz corregedor Albuquerque concluiu por innocentar Manoel

de Sampaio, José Pacheco Lima e Antonio Alexandrino de Abreu Lage e por declarar Pontes e Mathias Pacheco «réos do abominavel e horroroso delicto de alta traição contra a Real Coroa de S. Mag.de que com projecto formado se dirigião aos suburbios desta Capital para dahi fomentar detestavel sublevação e commeter as maiores e mais inauditas atrocidades sendo emissarios e socios dos perfidos revolucionarios do infeliz Pernambuco».

Mathias Pacheco e Alves Pontes foram mettidos em carceres incommunicaveis e remettidos depois para o Maranhão e dahi para Lisboa.

Na lista dos culpados na Revolução de Pernambuco, segundo o Livro do Dez.or Bernardo Teixeira, são estes os dizeres referentes a Alves Pontes: Preso a 29 de Abril de 1817, pronunciado a 13 de Setembro de 1818, recolhido ás cadêas da Bahia a 16 de Abril de 1818 e intimado a 30 de Setembro de 1819 para dizer de facto e de direito em 5 dias.

Os dizeres sobre Mathias José Pacheco são os mesmos menos a data em que foi recolhido á prisão, que é 27 de Agosto de 1818.

Manuel Januario Bezerra Cavalcante, aparentado com André de Albuquerque, conseguiu illudir os presidios das fronteiras, atravessou a Capitania espalhando proclamações incendiarias e passou-se para Piauhy e depois para a Serra do Martins, onde erão numerosos e poderosos os do seu partido, e onde, mesmo depois de restituida a villa do Natal ao poder dos legalistas (25 de Abril), estabeleceu-se uma Junta Revolucionaria, composta de cinco membros á semelhança da de Recife.

Compunham esta Junta o Vigario de Porto Alegre João Barbosa Cordeiro, o Sargento mor José Francisco Vieira Barros, Manoel Joaquim Palacio, T.te C.el Leandro Francisco Bessa e Felippe Bandeira.

O movimento ahi operado foi promovido principalmente pelos P.es Gonçalo Borges d'Andrade e Manoel Gonçalves Ponte, vigario da freguezia dos Paos dos

Ferros, e por David Leopoldo Targini, vindo da Parahyba com petrechos e munições de guerra com o fim não só de revolucionar aquella região, no alto da qual estava a villa de indios chamada Porto Alegre, como tambem de atacar o Ceará por aquelle lado ao mesmo tempo que pelo Icó romperiam os 800 homens de Pombal e Souza, dirigidos pelo Vigario José Ferreira Nobre, P.e Luiz José Correa de Sá e seu filho o Sargento mor Francisco Antonio e o Capitão mor Patricio José de Almeida.

A todos estes assaltos frustrou a energia, venceu a vigilancia de Sampaio e de seus auxiliares.

Sampaio estava seguro da fidelidade da tropa e povo de Fortaleza, mas arreceava-se de Aracaty pela visinhança do Rio Grande de onde constava-lhe que viria atacal-o André de Albuquerque, e do Icó por sua situação proxima a Pernambuco e Parahyba e porque ahi estivera residindo por muito tempo em correição o Ouvidor Carvalho com occasiões frequentes e propicias á propaganda, e, todavia, de nenhum desses logares veio a revolução e sim do Crato, a terra dos Alencares, cuja parentela se espalhava tambem pelo Exu, Riacho da Brigida e outros pontos.

Os chefes do movimento em Pernambuco tinham entendido e com acerto expedir emissarios e propagandistas para diversas Capitaes e para o Extrangeiro. Rumo dos Estados Unidos seguiu Cruz Cabugá, encarregado de solicitar o apoio da ex-colonia Inglêza e de comprar petrechos bellicos, para o que recebeu do Erario doze contos de réis, e da sublevação da Bahia incumbiu-se Abreu e Lima, mais conhecido por P.e Roma.

Para o Ceará tudo estava a indicar o joven seminarista de Olinda, José Martiniano de Alencar. Moço, ardente, pertencendo a uma familia de incontestavel prestigio, discipulo do P.e Miguelinho e frequentador dos conciliabulos em que se ensinavam as mais adiantadas doutrinas e mais livres theorias, ninguem melhor que elle estava no caso de pregar no Ceará o

Evangelho da nova idéa. Demais, o Crato onde os de sua familia dominavam já pelo prestigio do Vigario Miguel Carlos da Silva Saldanha, já pela popularidade de D.ª Barbara, mulher de animo varonil, demorava perto de Pernambuco para qualquer auxilio e a grande distancia de Fortaleza para estar fóra do alcance de medidas rapidas de repressão.

Eis José Martiniano a caminho por terra e trazendo por companheiro Miguel Joaquim Cesar de Mello, que não é o P.e Miguelinho, como alguem escreveu.

As instrucções por que tinham de guiar-se continham-se nas seguintes linhas:

> «Irão os patriotas fazendo sua viagem com toda paz, politica e cautela, obrando por este modo: quando tratarem com os Povos por onde passarem, se os acharem dispostos para a boa cauza procurarão accender ainda mais o seo patriotismo, mostrando-lhes as antigas oppressões e os bens que nos virão de não sermos mais governados por ladrões, que vem de fora chupar a nossa substancia; se acharem os Povos em huma total ignorancia e abatimento procurarão dar-lhe alguas idéas a favor da cauza e inflamal-os, porem se acharem algum tenaz partidista da tirania não entrarão com elle em discussões, basta que o fiquem conhecendo, Assim irão direito até se avistarem com o Vigario do Pombal, delle haverão noticias do estado da Comarca do Ceará, tanto do seo interior, como beira mar, e terão noticia do P.e Luiz José. Se o P.e Luiz Jozé se tiver declarado pela boa cauza, irão ter com elle, e dali partirá o patriota B pelas cabeceiras do Rio do Peixe ao seo destino, ficando com o P.e Luiz Jozé o patriota A para dali escre-

ver cartas e mandar papeis para os seos amigos do Icó. Estas cartas devem ser persuasivas sem darem a entender que as pessoas, para quem foram dirigidas, tem principios de quererem a Liberdade para os não comprometer. E chegando ao Pombal se houver certeza de que o P.e Luiz Jozé não he pela Patria, dahi seguirão o mesmo destino. E se parecer, ambos hirão para o Crato por cima. Revolucionado o Crato, o Icó, mandarão logo a Pernambuco aviso para lhe ir socorro, e estas villas podem com cartas e proclamações fazer que se levantem Aracaty e Sobral, e mesmo sem socorro de Pernambuco poderão atacar a Villa de Fortaleza e destruir o tirano».

Assignavam essas instrucções o P.e João Ribeiro Pessoa e Domingos Jozé Martins.

O Patriota A é Miguel Joaquim Cesar, nomeado pelo Governo para Inspector das tropas de Pombal e Luiz Souza; Luiz José é o P.e Luiz José Correa de Sá, que se uniu aos revoltados e negou depois qualquer connivencia com elles para evitar o castigo, no que muito o protegeu o Ouvidor da Parahyba; o Patriota B é José Martiniano e o tyrano o Governador Sampaio.

Tendo ficado Miguel Joaquim no Rio do Peixe, seguiu Alencar em demanda do Crato e ahi chegou não a 3 de Abril, como escreve Dias Martins no seu Martyres Pernambucanos, mas a 29, numa 3.ª-feira, pelas 9 horas da manhã, recolhendo-se á casa do Vigario Miguel Carlos da Silva Saldanha.

No mesmo dia tratando de dar inicio aos seus planos buscou entender-se com o Carmelita frei Francisco de Sant'Anna Pessoa, de cujo parentesco e relações com o P.e João Ribeiro era conhecedor e para quem trazia cartas desse chefe.

Um e outro começaram a espalhar noticias aterradoras. Tropas no Rio do Peixe e Pombal estavam promptas a atacar o Crato e o Icó sob o commando do Vigario Ferreira Nobre e do P.e Luiz José: outras da Serra do Martins tomariam a si o assalto de Aracaty; em Ponta Grossa muita gente estava ajuntada e todas essas levas, cheias de enthusiasmo, dispunham-se a marchar em direcção a Fortaleza e a libertar a patria, isso e muitos outros boatos diziam e divulgavam os dois por onde iam passando.

A respeito do frade tenho uma nota com os seguintes dizeres do punho de Sampaio:

> «Frei Fran.co de S.ta Anna Pessoa he um Religioso do Carmo que anda ha tempos ausente do seu convento por cujo motivo o seu Prelado se dirigio ao Ouvidor Carvalho p.a o fazer capturar. Ao mesmo fim se dirige o Officio N.o 70 em que se me pede o auxilio necessario para a d.a prisão. Bem longe de ser capturado foi disposto pelos mesmos revolucionarios e provavelmente por Carvalho para induzir á rebelião o Cap.mor do Crato José Pereira Filgueiras».

O officio n.o 70 a que alludiu Sampaio é assim concebido:

> «Ill.mo S.or Coronel Manoel Ignacio de Sampaio. Nessa Capitania do Ceará Grande acha-se hum Religioso chamado Fran.co de S.ta Anna Pessoa, o qual foi denunciado perante mim por culpa tocante ao conhecimento do Santo Officio, e em rasão do meo cargo de Commissario que sou deste Santo Tribunal aceitei a tal denuncia, a qual já se acha afecta ao Tribunal, e fis participante ao seo Provincial p.a entretanto dar a providencia necessaria, o qual certificou-me q' mandava nesta occasião ordem ao D.or Ouv.or da Comarca João Antonio de Carvalho p.a

faser retirar desse lugar ao d.º Frade p.ª o seo convento, e sendo esta a resolução do d.º Provincial terá melhor exito sendo auxiliado por V Ex.ª como defensor do Tribunal da Fé e fiel executor das ordens de S. A. R. Deos Nosso Senhor Guarde a V. Ex.ª felismente.

Recife de Pern.co 11 de Agosto de 1813. De V. Ex.ª o mais attento v.or e reverente creado. O Conselheiro Joaq.m Marques de Araujo».

Desenvolvida de mais em mais a cabala, a familia Alencar, essa, adheriu logo, como era de esperar, e pozse em campo e logo cresceu a phalange dos enthusiastas, engrossada pelos descontentes de actos particulares do governo.

Nada, porem, surtiria o desejado effeito si os conspiradores não contassem com a acquiescencia e o concurso de Leandro Bezerra, velho e emperrado monarchista e maxime com a de José Pereira Filgueiras, da mais accentuada posição official; ídolo dos homens de toda aquella redondeza pela herculea força e indomita coragem, attributos a que as massas renderam sempre fervoroso culto

De Leandro encarregou-se Alencar a conselhos do Vigario Miguel Carlos; fracassou com esse toda tentativa de seducção, cujas manobras foram logo communicadas a Filgueiras por um filho de Leandro no intuito de pol-o em guarda e aconselhal-o caso algum emissario o procurasse.

Para o sitio S. Paulo, residencia de Filgueiras, correu Alencar em companhia do irmão Tristão Gonçalves, Bartholomeu Alves do Quentel e frei Francisco. Este tinha influencia sobre o Capitão mor, de quem era, não mordomo particular como diz o Dr. M. L. Machado, mas capellão. Exgottada a provisão de argumentos, phrazes, elogios e seductoras promessas,

Alencar fez-lhe entrega de uma carta que lhe enviavam João Ribeiro e Domingos J. Martins.

A carta, toda a incensar o orgulho e a vaidade do destinatario, continha periodos deste jaez: «Aonde está o valeroso Capitão-mor José Pereira? Quem é que o demora? O medo? Não, porque elle não tem medo. O ser só? Não porque a sua voz se levantarão a seu lado milhares de patriotas que respeitão as suas virtudes. Pois quem he que o demora que não salva a sua Patria?»

Esse homem tão procurado é quem Muniz Tavares descreve com côres assim carregadas:

> «Capitão mor da mesma Villa era um certo Felgueiras, malfeitor cruel á quem os supersticiosos sertanejos reverenciavam dando-lhe o irrisorio titulo de mandingueiro, titulo devido á impunidade da sua vida infame; a sua casa era um covil de cabras facinorosos, destros em commetter todo o genero de attentados ao mais leve aceno do analogo chefe, que os alimentava e protegia (Hist. da Rev. de Pern. em 1817, Cap. VIII).

Do Vigario Miguel Carlos traça o historiador da Revolução a seguinte pintura:

> «Chegando á casa paterna, Alencar contou misteriosamente os factos das Provincias revoltadas exaltando-os e valendo-se dos meios adequados para induzir o bom pai a favorecel-o no trabalho de cathechisar o temivel Capitão-Mor. Foi porem tudo em vão; a pusilanimidade excedia a predilecção. Aquelle parocho, que mal entendia o seu breviario e não conhecia outro objecto de culto senão o seu Deus e o seu Rei, e treme ouvindo a narração, e pensando unicamente na salvação do filho, que ja cria

perdido, o supplicou a desistir da empresa.

A sua voz não foi escutada; o emissario resolveu tentar a fortuna por si só, e foi procurar o homem, do qual parecia depender o destino do Ceará».

E nesses dois homens, pergunto eu e commigo perguntarão todos os que acompanham a leitura desta narrativa, em Filgueiras, *monstro nos crimes e miandingueiro*, em Miguel Carlos, *pusilanime* e tão imbecil *que mal entendia o seu breviario* repousavão todas as esperanças dos revolucionarios? Falasse verdade Muniz Tavares, o que nego, e estaria feita a psychologia do movimento Cratense e previsto desde logo o desenlace, que o aguardava.

Filgueiras, embora aferrado realista e apesar de suas affirmativas a Gonçalo Telles e ao Juiz ordinario Manoel Joaquim Felix, outro que o procurara, sentiu-se paralysado, sentiu-se coacto diante de Alencar e prometteu cerrar os olhos ao movimento que se premeditava. Demais, abatera-lhe o animo a noticia, falsa e adrede espalhada, da fuga e embarque de Sampaio. A neutralidade de Filgueiras ia dar ganho de causa ao levante.

A palavra convencida de Alencar conseguira reduzir á inacção, ao menos elle suppunha ser assim, o homem que pela manhã daquelle mesmo dia 2 expandia desta forma seus intimos sentimentos ao governador Sampaio:

«Ill.mo e Ex.mo S.or Tenho em vista o Officio que V. Ex.a me dirigio de data de 13 do passado pelo qual conheço clara e destintamente o Levante de Pernambuco e as providencias que tem dado Sua Magestade e da mesma sorte V. Ex.a; logo que recebi o mesmo officio posto que ainda em té o presente não he chegado o estafete que deve trazer os officios que V. Ex.a os acusa do 1.o e 7 do passado, mandei logo publicar os

Editaes, tanto na Villa do Jardim, como no Crato para o fim que V. Ex.ª determina, e passei a dar as ordens necessarias, e em tudo cumprirei o que V. Ex.ª me ordena= Eu terei a gloria de que V. Ex.ª seja felis com todos os povos desta Capitania Geral, para o que me offereço com as debeis forças do meu commando, tudo em abono da defença da Real Pessoa de S Magestade a quem respeito e estimo como devo e sou obrigado; Deus Guarde a V. Ex.ª por muitos annos. De V. Ex.ª Subdito o mais obediente José Pereira Filgueiras. Quartel de S. Paulo 2 de Maio de 1817».

Era preciso aproveitar o torpor, o estado de coacção moral em que se via Filgueiras, era preciso tambem evitar que no dia 3, como fora assentado pelas auctoridades locaes, se publicasse na villa o Bando enviado de Fortaleza Esse Bando foi publicado a 1.º em S. Antonio do Jardim.

A noite de 2 para 3 occuparam-a os conspiradores em aliciar gente com promessas de empregos, mercês e concessões, entre as quaes avultava o perdão dos subsidios da carne, e em espalhar que o proprio Filgueiras se compromettera a chefiar o movimento, estratagema que logrou o esperado effeito.

Raiou o dia 3 de Maio, data festiva no kalendario patrio e para a Egreja, que o consagra á Invenção da Santa Cruz. A occasião da Missa seria optima e azada para o golpe e assim ficou assentado.

Durante o acto religioso, que foi celebrado pelo P.e Vicente por molestia do Vigario, os revoltosos, grupo de mais de 200 homens, na mor parte pertencentes aos sitios Lameiro e Pontal, cercaram as portas da Matriz, e findo que foi, assomou Alencar á porta principal revestido de loba e armado de faca, proclamou a Revolução entre applausos e acclamações

e terminou a arenga patriotica e eloquente com a leitura do *Preciso* do advogado Mendonsa.

Dahi saiu a multidão, superexcitada e aos clamores, para a cadea a soltar os presos e a armal-os com as armas tomadas aos moradores; os moradores foram obrigados a sair das casas para a rua e a gritar Viva a Patria, viva a Liberdade; o Pelourinho foi derrubado e arvorada a Bandeira Republicana.

Em todos esses actos salientavam-se ao lado dos Alencares um seu parente de nome Ignacio Tavares Benevides, Bartholomeu Alves de Quental, Joaquim Francisco Gouvea Ferraz, José Manoel de Quental, Francisco Carlos Zacharias, o creoulo Jeronymo de Abreu, o primeiro delles em odio a Sampaio por lhe haver tirado o cargo de escrivão

Em seguida marcharam em direcção á Casa da Camara, cujas portas Alencar e Ignacio Tavares quizeram deitar a baixo. Abertas as portas e repleto de gente o salão, fizeram apresentar-se á força os dois juizes, o vereador Alexandre Raymundo e o escrivão José Antonio Ferreira Chaves, exigiram os livros das veriações, nomearam escrivão a Ignacio Tavares, lavraram varias portarias e escreveram e assignaram uma Acta contendo a narração de todo o occorrido e uma Mensagem de adhesão e apoio ao governo de Pernambuco.

Filgueiras deixara-se ficar em S. Paulo durante o curso dos acontecimentos, mantendo assim a promettida neutralidade, de que mais tarde tantas vezes se confessou arrependido. Não podia, portanto, assignar, como os demais, esses dois papeis em que pese a affirmação dos nossos historiadores, que a respeito sem base e reflexão vão se copiando uns aos outros. Pode-se isso affirmar com testemunhos coevos. E porque não assignou a Mensagem, está livre e escoimado do crime abominavel, que lhe attribuem de haver mandado trucidar o portador para rehaver o documento, que o compromettia.

Accusações taes é que têm servido para denegrir

a memoria do heroico chefe da Expedição de Caxias. Não basta que a Historia o pinte como homem de caracter versatil e ignorante, qualidades que realmente lhe quadram, querem que elle desça ás gemonias como homem de vinganças horrorosas, homem «em cujo espirito, como no de Marat, até o jubilo era sanguinario» (Dr. Dias da Rocha F.) A verdade, porem, reclama os seus direitos; a verdade é eterna e ella diz que grave injustiça se arroga a Filgueiras attribuindo-se-lhe actos que jamais praticou, por exemplo o ter estado na villa do Crato quando da proclamação da Republica e havel-a chefiado.

Nega claramente a sua presença alli José Antonio Ferreira Chaves em cartas ao governador Sampaio:

«No dia 3 pela tarde ou 4 de Maio de manhã foi instruido o Cap.m r (Filgueiras) da sublevação e consta-me ficou bastante afflicto, sabendo logo quaes herão os cabeças, quaes erão contrarios pois eu assim lhe mandei dizer por Gonçalo José Ferreira. No dia quatro pelas des horas do dia veio o Cap.mor a esta Villa com pessoas da sua caza, e tomando fé do que havia acontecido, não dava pallavra alguma, e só afinal me fes conhecer seria a Villa breve restaurada, e eu lhe disse que os traidores davão vozes de fama pelo povo que elle Cap.m r hera contente, ao que me respondeu o dito Cap.m r que nunca aprovou e nem aprovará porem que naquelle dia não podia obrar nada, hera preciso retirar-se para se aprom-ptar e prendelos, e logo se retirou e tratou-se de dar-se as providencias que apparecerão no dia 11 de Maio. No mesmo dia 3 fugirão para a caza do Cap.m r Gonçalo José Ferreira, Francisco Cardozo de Mattos e Francisco Pereira Maia Guimarães e não virão o levante. Ignoro tãobem que o

dito Cap,$^{m^{or}}$ assignasse algum papel relevante a consentir na sublevação e he o que lhe tenho sempre preguntado e elle firme responde-me que os que aparecerem são falsos e sinistramente alcansados a fim de macular a sua onra. Devo tãobem certificar a V. Ex^{ia} que o Cap.$^{m^{or}}$ confessa ter assignado hum passaporte p.^{a} um correio do Vigr.^{o} em data de 15 de Maio, o que antes não o fizera, e que tudo quanto aparicer será firmado pelos infames e seus parentes afim de calumniarem ao dito Cap.$^{m^{or}}$ pois elles a boca xeia dizião q. o Cap.$^{m^{or}}$ convinha na malvada sublevação quando eu desde o dia 4 de Maio fui logo instruido pelo Cap.$^{m^{or}}$ dos seus desejos e vexames que lhe causava no espirito tal desordem protestando logo disforsarse como era do seu dever porem que não tinha remedio senão o fazer com grande cautela afim do perigo que corria a sua vida e dos mais fieis vasalos (Carta de 12 de Agosto de 17). Informa-me o dito Domingos João (Domingos João Dantas Rotea) que na vila do Jardim se lera hum Edital em nome do Cap.$^{m^{or}}$ p.^{a} obedecerem ao emfame partido q.^{do} se sublevou esta infeliz V.^{a} e que posto elle Dom.^{os} João não visse a firma corria vaga noticia a sua publicação. Eu ja emformei a V. Ex.^{ia} ignorava se o d.^{o} Cap.$^{m^{or}}$ avia assignado algum papel tendente a revolução e que elle me tem afirmado que as firmas que aparecerem são falsas, e sou emformado que a letra do Edital era de Francisco Pereira Guimarães (Carta de 19 de Agosto de 17)».

Nega-o ostensiva e peremptoriamente o proprio Capitão mor Filgueiras:

«Soube deste attentado (o motim de 3) estando em minha caza do sitio de S. Paulo, q' dista desta villa quatro legoas e vindo a esta Villa no dia seguinte achei o Povo muito atemorizado ou parte delle entusiasmado; temi prender os revolucionarios como foi o meu intento, e voltando p.ª minha casa procurei aconselhar-me sobre o melhor meio que devia restaurar esta Villa, quiz logo dar parte a V. Ex.ia como era do meu dever e obrigação porem achei covardia em dar esta triste parte sem que fosse acompanhada da feliz noticia da restauração, pois que tendo S. Mag.de confiado-me o governo dos Povos da minha Capitania-mor deveria em tudo desempenhar o meu grande dever; procurei concordar-me com o T.te Coronel Leandro Bezerra Monteiro, depois de ter ouvido o prudente parecer do Escrivão José Antonio que logo deu as medidas das quaes usei, sentado de ser executada a felis restauração no dia 10 ou 11 do corrente mez (Carta de 13 de Maio). Com muita indignação ouvi a noticia que se me deo de que esse malvado José Martiniano por todo caminho foi espalhando que eu fui consentidor da revolução desta Villa e cooperei para ella, porem nada receio por que tenho a meu favor a aura popular e o meu coração está puro. Esse malvado como se vê desgraçado e com o rancor de ter sido eu o seu perseguidor, para diminuir-me a gloria que me he devida na feliz restauração que fis desta Villa, procura-me essa mancha, porem eu nada quero mais do que a gloria que me fica em fazer huma accão heroica a favor de S. Mag.de de

quem tenho por galardão o ser vassallo. Eu sempre dei a V. Ex.ia evidentes provas da minha fidelidade e pelo meu Officio de 2 de Maio vespera da revolução renovei a V. Ex.ia os meos protestos, e seria eu monstro de ingratidão se fizesse o contrario do procedimento que tive nesta cauza. V. Ex.ia crea-me com aquella verdade com que sempre fallei a V. Ex.ia que eu me não manxei nesta revolução.

Se pequei foi somente por ter deixado por tanto tempo a Villa debaixo desse infame governo, porem se assim o consenti, foi por fazer a restauração com cautela, apalpando primeiro o animo dos Povos, e logo que estive Senhor dos Corações dos mesmos então executei o meu plano da memoravel e feliz restauração, auxiliado pelo Tenente Coronel Leandro Bezerra Monteiro, seo filho o Capitam Gonçalo Luiz Telis, e o Cap.m José Victoriano Maciel, que forão os que caminharão a testa das tropas com que entrei para subjugar os revolucionarios. He verdade que eu fui muito abalado por cartas de Pernambuco, que incluso remetto a V. Ex.a para hessa negra e diabolica revolução, porem sempre fui surdo, e nunca fis caso dessas sugestões, e tambem nunca me persuadi que se effectuasse nesta Villa a revolução, por não conhecer individuos iluminados e por não haver a maior correspondencia desta Villa para as Capitanias rebeldes, e se não fosse a chegada desse malvado pedreiro Livre José Martiniano, de certo a Villa não padeceria essa nodoa, e todos estarião gozando de sucego, e não andarião na desenvoltura em que andão ainda os Povos e principalmente a parentalha dos revolucionarios, que querem vin-

gar as prizões dos parentes, o que me não asombra, antes cresse-me dobrado valor por ser em defeza de hua cauza, que tanto tem de justa como santa, qual he a punição dos trahidores e revindicação dos sagrados Direitos de S. Magestade El Rey Nosso Senhor, por quem perdendo a vida nada perco (Carta de 15 de Junho de 1817).

Nega-o Manoel Ignacio de Sampaio, o Argus de cem olhos, em sua correspondencia como dos seguintes trechos:

«Os dois maiores obstaculos que o Ouvidor Carvalho tinha a vencer nos certões desta Capitania a fim de dispor tudo para a Revolução erão o Cap.mor do Crato José Pr.a Filgueiras e o Cap.mor de S. João do Principe J.e Alz. Feitosa. Não lhe era possivel reduzir o Cap.mor do Crato por meio de suggestões por isso que tendo sido muito atrosm.te perseguido pelo Ouv.or Galvão e vendo quanto Carvalho se empenhava a favor de Galvão nunca o procurou nem lhe quis falar; não lhe era tambem possivel atacal-o com a jurisdição da vara porque era o mesmo que atacar os 30 e tantos mil habitantes do antigo termo do Crato, que logo que suspeitão que de qualquer maneira se pretende atacar o seu Cap.mor immediatamente se lhe vão offerecer em bandos p.a sua defesa. Quando o Ouv.or Carvalho foi crear a nova V.a do Jardim, divulgou-se a noticia de que intentava prender o Cap.mor; em hua manhãa appareceo a casa deste rodeada de mais de 400 pessoas que á aporfia se lhe offerecião para sua defesa, e não teve elle pequeno trabalho em despersuadir e socegar o povo, e fazer retirar todos p.a suas casas. Este Cap.mor pela

sua bondade de coração genio pacifico e bemfasejo he um verdadr.º Pai daquelles povos.

Ficou portanto a redução deste Cap.mor reservada para o momento de revolução em que o seu pequeno talento não fosse bastante p.ª resistir de repente as illusões q' em hum instante o circumdassem de todos os lados

Assim aconteceo com effeito, no dia 2 de Maio de tarde he convidado para a revolução com m.tas illusões pelo infame P.e José Martiniano Per.ª de Alencart: não sabe que ha de responder, fica titubiado e pede alguns dias para resolver. José Martiniano receia que elle tenha tempo de se aconselhar e pensar, vem para a Villa, diz que o Cap.mor he o cabeça da Revolução e no dia 3 pela manhã faz a revolução a que ninguem se oppoz porque se fazia em nome do Cap mor. Mais titubiado fica o Cap.mor até porq' lhe segurão q' eu tinha fugido embarcado. No principio de Abril tinha eu escrito ao d.º Cap.mor afim de o prevenir contra estes mesmos tramas. Estas cartas q' elle devia receber no fim de Abril não lhe chegarão a mão por motivo de doença dos portadores senão em 6 de Maio, e logo em 11 o 1.º dia de missa que se seguia elle effeitua a Restauração p.ª o q' bastou apparecer em publico e annunciar q' elle era Realista e que a revolução se tinha falsamente feito com seu nome porq' elle nunca mudara dos sentimentos de fiel Portugues».

Houvesse elle, Filgueiras, chefiado o movimento e logo as mais amplas e minuciosas informações teriam vindo aos ouvidos de Sampaio, não lhe teriam occultado cousa de tanta magnitude os que chegavam a

informal-o de que jantando Filgueiras no dia 4 em casa do Vigario Miguel Carlos, D. Barbara mandara comprar ao contractador 2 libras de carne salgada, matara 3 gallinhas e puzera-as á meza com 3 garrafas de vinho das quaes apenas uma, e pela metade, fora utilisada pelos convivas; tivesse elle, Sampaio, a certeza da convivencia de Filgueiras e tudo teria levado ao conhecimento dos Ministros com aquella rudeza e sinceridade de phraze e luxo de minudencias, que caracterizam seus officios e relatorios.

De outro lado, é o proprio Muniz Tavares, que foi parte na revolução e traçou com mão amiga as peripecias desta gloriosa e infeliz jornada, quem limita a actos e palavras de um neutro e indifferente ou melhor de um adversario o papel representado por Filgueiras no movimento. São suas textuaes palavras:

> «Alencar por acaso o (Filgueiras) encontrou com hum Carmelita Fr. Francisco de S. Mariana Pessoa, a quem vinha recommendado e acestou a sua fraca bateria contra a grossa muralha. Bem que reforçado pelo Frade, que tomou parte activa no combate, não pôde fazer a menor brecha; recorreo ao poderoso encanto das honras e recompensas destinadas aos libertadores da Patria; na dura orelha de Felgueiras não penetrava o doce som de *libertador*; velho mandão julgava que as distincções honorificas erão o apanagio exclusivo da prostituição. Depois de longo silencio, originado do desprezo e não da meditação, dignou-se responder que a empreza era pouco segura e que por consequencia não a apoiaria. Se não apoia (replicou o Emissario) ao menos queira ter a bondade de não obstar a livre manifestação do povo. Não me opporei (certificou o lobo esfaimado para saciar-se no sangue da maior quantidade de innocentes ovelhas')

> Hum homem atilado procederia em circumstancias taes com a maxima cautela; a repugnancia visivel do reputado arbitro da provincia, o seu perverso caracter ensinavam a desconfiança, mas um collegial he ordinariamente credulo; aquelle não sahia da regra commum: facilmente persuadio-se que com a promessa da palavra dada era senhor do campo de batalha».

Mais adiante, descrevendo o assombro dos Patriotas ouvindo o *annuncio intempestivo* da approximação de Filgueiras, diz o citado chronista:

> «A maior parte dos improvisados patriotas começou a retirar-se cabisbaixos aos esconderijos das suas habitações Debalde procurava o Alencar dissipar-lhes a timidez, assegurando que se fosse verdadeira a vinda do homem annunciado seria para testemunhar a publica alegria que por sua expressa tolerancia manifestava-se; poucos deixaram-se persuadir e com simplicidade pueril entoarão vivas a Patria apenas compareceu o famoso chefe da quadrilha, que não tardou a provar a refinação da sua malicia».

Diante de taes documentos, outras tantas provas de convicção indestructiveis, não haverá, creio, mais divergencia de opiniões sobre o papel representado por Filgueiras nesta phase da nossa historia.

No intuito de extender o movimento, seguiram para a Villa do Jardim José Martiniano, Tristão Gonçalves, Joaquim Francisco, Francisco Carlos e Francisco Cardozo de Mattos e ahi proclamaram a republica, affixaram editaes, soltaram os presos e escreveram uma mensagem de adhesão a Pernambuco.—E foi tudo.

De Francisco Cardozo possuo uma extensa carta

dirigida a Sampaio, em que nega ter tido qualquer coparticipação nos actos praticados pelos republicanos quer em Crato quer em Jardim.

Estavam contados os dias da Republica no Ceará. Em Pernambuco durou ella apenas 75 dias, de 6 de Março a 20 de Maio, em Parahyba 54 dias, de 14 de Março a 7 de Maio, e no Rio Grande 30 dias, de 25 de Março a 25 de Abril. Sua vida no Ceará foi ainda mais ephemera—iniciada a 3 de Maio, succumbiu de todo a 11.

Existencia ainda mais curta deu-lhe Muniz Tavares. O espaço apenas de horas (!). Para elle a contra-revolução operou-se no mesmo dia 3; segundo sua narrativa ainda não havia morrido o echo das acclamações despertadas pela leitura do *Preciso* e ainda intensa se manifestava a alegria no adro da Egreja, onde se ajuntaram após a missa-conventual os patriotas a tripudiarem em torno da bandeira branca por elles arvorada, quando se apresenta Filgueiras, subjuga-os e prende os cabeças.

Muniz Tavares encurtou assim de muitos dias a tragedia do Crato. *A importuna visita de Filgueiras aos improvisados patriotas* teve logar com effeito, mas somente no dia 11.

Grande engano é este que está a pedir emenda na *Historia* do velho liberal. Desculpe-se-lhe chamar Felgueiras ao Cap.mor José Pereira Filgueiras, João Antonio de Carvalho a João Antonio Rodrigues de Carvalho, Frei Francisco de S. Mariana Pessoa a Frei Francisco de Sant'Anna Pessoa, confundindo este com Fr. Francisco de S. Mariana Aranha de Vasconcellos, tambem Carmelita natural da Parahyba, cujos bens foram sequestrados a 2 de Junho de 1817; são certamente falhas de memoria em quem escreveu 23 annos apos os acontecimentos; é, porem, indispensavel expungir erros, que abalam os fundamentos da nossa historia como o que acabo de citar.

Si me fôra dado manifestar-me sobre os mereci-

mentos do Capitulo VIII do livro de Muniz Tavares, que é o que se refere ao Ceará, dil-os-ia bem pouco valiosos.

Com relação ao trabalho *Martyres Pernambucanos,* de Dias Martins, é egual o meu conceito apezar da minha incompetencia, que sou o primeiro a proclamar. Este dá a chegada de Alencar ao Crato a 3 de Abril quando foi a 29 e diz que ao chegar fora informado da prisão de Mira quando esta se realizou a 18 de Setembro; chama Filgueiras de padrinho de Alencar, confundindo Filgueiras com o P.e Miguel Carlos e dá a Frei Francisco de Sant'Anna Pessoa o nome de Frei Francisco de S Mariana e ao Vigario Miguel Carlos o de Miguel Cardoso; colloca em 4 de Maio o rompimento da revolta do dia 3 e figura Filgueiras como presente á ceremonia havida no Paço da Camara e signatario do respectivo auto quando elle estava então no sitio S. Paulo e o proprio Dias Martins escreve linhas atrás que Filgueiras procurado por Alencar e Frei Francisco pedira alguns dias para pensar com promessa de não estorval-os na propaganda; faz o vigario do Crato assignar tambem o dito auto, opinião unica entre as de todos que do caso se tem occupado; faz surgirem hostilidades em alguns logares da Capitania em virtude do pronunciamento do Crato e Jardim, quando o movimento se limitou a esses dois pontos; pinta Alencar organizando forças, convocando as do Rio do Peixe e pretendendo submetter com ellas todo o Ceará quando é certo que os republicanos nenhuma obra de defeza organizaram, acto algum de energia praticaram para se garantir e repellir a acção inevitavel dos elementos antagonicos.

Na troca de datas e nomes proprios Dias Martins tem um digno companheiro em Pereira da Silva (Hist. da Fundação do Imperio), tão justamente emendado pelo Dr. Max. L. Machado e por Franklim Ta-

vora, o homem de letras, de quem Baturité com toda razão se ufana.

Derribou o movimento republicano do Crato e do Jardim, que se lhe ajuntara a 5, a decisão do Capitão-mor Filgueiras de chefiar a contra-revolução.

Emquanto os republicanos se deixavam inebriar pelo facil triumpho, os realistas dirigidos por Leandro Bezerra Monteiro, mais tarde Brigadeiro por nomeação do Imperador, e pelo Escrivão José Antonio, armavam a reacção.

Base segura e a unica fructuosa de todo o emprehendimento seria a conquista do animo de Filgueiras e para isso assentaram assediai-o e decidil-o. Emissarios vão a sua procura, pintam-lhe as terriveis consequencias da revolta e o castigo reservado aos reos de alta traição, descrevem-lhe com negras cores a Republica, uma inimiga de Deus e do Rei, lembram-lhe as perseguições que lhe movera o ex-Ouvidor Galvão, agora tão apoiado por Carvalho, a alma da agitação de que a Capitania era o theatro.

A semente de taes palavras ia caindo em terreno que não era infenso. A alma de Filgueiras, alma de realista aferrado ás tradições e velhas crenças, podia estar a debater-se na duvida, mas não podia comprehender o ideal republicano, ficara impressionada mas não convencida com os argumentos de Alencar e frei Francisco, e tanto assim é que mesmo no dia 3 de Maio, o dia da revolução, escrevia elle ao seu compadre Januario Ferreira Castão a seguinte missiva:

«Meu Comp.e e Am.o Acompanho a V mce na afliçāo q' me comonica se acha, movida esta p.r esse incredulo e mal agradecido homem, que sego de toda consideração tem posto em pratica aterrar a Santas Leis do nosso Suberano Rey e Senhor; p.m se o nosso bom D.s me não dezamparar breve tornaremos a gozar do nosso antigo costume. O m.mo Snr. G.e a Vm.ce p.r muitos annos.

S. Paulo 3 de Mayo de 1817. De V. M.ce Comp.e am.o cr.o ven.r José Per.a Filgueyras».

Não admira conseguintemente que as considerações a que se soccorreram os emissarios realistas lograssem abalar por completo o Capitão-mor, typo, como ja declinei, da irresolução e ignorancia. Occorria tambem para resolvel-o a chegada ás suas mãos a 6 de Maio de cartas de Sampaio enaltecendo-lhe os meritos e prevenindo-o contra qualquer trama ou inverdade que acaso apparecesse.

Afinal decidiu-se Filgueiras; pesou na balança para o lado dos realistas sua espada té então nunca vencida. O neutro de ha dias convertera-se agora em defensor e guarda das prerogativas regias.

Em cartas de 3 e 4 de Maio Leandro Bezerra e José Antonio, certificando a Sampaio dos sentimentos de lealdade que os animavam, já communicavam-lhe os preparos da contra-revolução para a qual pediam o mais urgente soccorro

Resolvido o contra-movimento e assentada a maneira de effectual-o, postaram-se no dia 11 a uma legoa de distancia do Crato todas as tropas que poderam reunir Leandro Bezerra e José Victoriano Maciel, e sob a chefia do *restaurador primario*, nome dado a Filgueiras pelos vereadores do Crato, marcharam em direcção á villa. Eram mais de 1000 homens. No Morro Barro Vermelho, confronte á Casa da Camara e Cadeia, fizeram alto e hastearam a bandeira real, que fora preparada por José Victoriano. Toca o rebate, faz-se o alarma entre os republicanos que se congregam. Apresenta-se Joaquim Francisco de Gouvea Ferraz a Filgueiras como deputado do Senado da Camara afim de demovel-o do intento que trazia. Joaquim Francisco o mais estupido dos Cratenses foi eleito Embaixador, escreveu o Vigario Antonio Manoel de Souza.

Como era de esperar-se, os chefes recusam qualquer accordo, repellem o pedido de capitulação e por se descommedir na linguagem é o parlamentario preso pelo proprio Filgueiras. Entram as tropas na villa

«Os Patriotas no dia 11 de Maio em q' foi a Restauração previnidos de polvora e balla juravam resis-

tir a custa da propria vida o seu partido, no instante em que o Capitão-mor apareceo com a sua tropa aquelles se pozerão em linha de batalha, mas sendo acometidos esmorecerão todos sem fazer acção» (Vigario Antonio Manoel).

Chegado ao acto final o drama tragico, actores e comparsas entraram a esconder-se, fez-se a debandada, sendo Francisco Carlos e Bartholomeu Alves dos primeiros a se declararem realistas; o Juiz ordinario Manoel Joaquim Telles prendeu a José Martiniano e o Capitão Gonçalo Luiz Telis de Menezes ao P.e Carlos José dos Santos, que havia chegado á villa no dia anterior, e Tristão Gonçalves.

Dos chefes foram estes quatro, os irmãos Alencares e Joaquim Francisco, os agarrados na occasião, escapando-se Ignacio Tavares. Frei Francisco de S. Anna Pessoa, que estava na Povoação da Barbalha, conseguiu tambem evadir-se.

Logo após reuniu-se o Senado da Camara, em que funccionaram Gonçalo José Ferreira e Francisco Pereira Alves Guimarães como substitutos de Tristão Gonçalves e José Carlos, aquelle preso e este ausente, e levou ao conhecimento do governador Sampaio a narrativa dos acontecimentos.

Para maior sciencia do leitor aqui transcrevo essas peças officiaes:

> «Viva El Rey Nosso Senhor, o Senhor D. João Sexto e toda Sua Real Familia da Caza de Bragança.
>
> Ill.mo e Ex.mo S.or Manoel Ignacio de Sampaio. Forão os Povos desta Villa infelismte attacados no dia 3 do corrente mez de Maio pelo P.e Joze Martiniano, Ignacio Tavares Benevides, e mais de duzentos homens, que com forças de armas violentarão todas as pobres familias, querendo estabelecer a ordem da Republica infelis de Pern.co e sendo este absurdo violento e não esperado

pelos Povos e Magistrados fiquemos confusos com tão insultante negocio, tão injurioso como indigno a Real Prezença de Nosso Soberano, e de todos os nossos Magistrados e dos mesmos Povos desta Villa.

Tomando pois medidas sufficientes o Capitão Mor, e o Ten.te Coronel e m.tes dos Povos desta Corporação e Villa, sentimos que hoje seria a força do nosso sangue restabelecida a Grande Victoria que sem a menor duvida deviamos alcansar para nossa honra e evidente prova da nossa fidelidade e grande zelo que deviamos ter em semelhante negocio, tão justo como importante. A magoa que ja deve assistir a V. Ex.a conhecemos ser insencivel, porem conhecerá pela prezente victoria os animos de todo o Povo desta Villa e seu Termo. Apresentarão-se os chefes e Povos hoje pela hua hora da tarde e achando os cabessas de Levante de posse da Villa, e ella já dizerta demos principio a fiel batalha e sem maior efusão de sangue forão logo presos o P.e Joze Martiniano, seos Irmãos o Padre Carlos José, e Tristão Gonçalves, e por resistir com palavras foi prezo Joaquim Francisco de Goveia, escapando fugitivamente da Povoação da Barbalha Frei Francisco de Santa Anna Pessoa, e Ignacio Tavares Benevides, e passamos a os enviar com toda segurança hoje mesmo, a serem conduzidos para a Villa do Icó, para onde já espedimos hum correio fiel, fazendo ver aquelles Povos que acompanhava aos ditos prezos hua tropa, a qual ficaria em socorro daquella Villa, sendo necessario para os acudir do insultante ataque, que pertendem dar os povos do Rio do Peixe e Pombal, e que os mesmos chefes se offerecem para auxiliarem a mes-

ma Villa, tudo por serviço do Nosso Soberano; estando como estamos todos em armas para a Real defensa por conhecermos o perigo em que estamos, que sem duvida passaremos a ter fortes combates pela gloriosa victoria que acabamos de promover; ficão tambem em sequestro todos os bens dos sobreditos, e a custa delles são remettidos para a Villa do Icó. Tornamos a repetir a V. Ex.ª a gloria da nossa Victoria, e o fervoroso desejo e fortes animos da defeza que prometemos a Real Pessôa do Nosso Honrado e Augusto Soberano a quem confessamos a fiel fidelidade como a pouco momento demos evidente prova: os papeis que forão achados aos conjurados, todos se remettem a V. Ex.ª para conhecimento da Cauza, e que na frente da Victoria marchou o Juiz Ordinario Manoel Joaquim Feliz, que foi quem prendeu Logo ao Padre José Martiniano. Teremos muito contentamento que o animo e coração varonil de V. E.ª nos ajude e nos reconheça por fieis Vassallos e restauradores da nossa Villa, rendendo a V E.ª aquelle respeito que devemos como representante de Sua Magestade Fidelissima a quem Proclamamos com insessantes Viva a Sua Real Aclamação, offerecendo-nos para derramarmos o proprio sangue na defesa da sua Real Corôa com fervoroso como demos e acabamos de dar evidente prova pela Victoria alcansada. Foi hoje publicado o bando de V. E.ª sobre o levante Pernambucano, e foi o primeiro publicante o Escrivão que ante nos e antes da conjuração servia= Deus Guarde a V. E.ª por muitos annos com esforços evidentes de restabelecer em toda esta Capitania a Real obediencia ao Nosso

Amado Soberano, a quem os Ceos prospere continuados annos, e a toda Sua Real Familia. Escrita em Sessão de 11 de Maio, dia da Gloriosa Victoria da nossa restauração de 1817=José Antonio Ferreira Chaves Escrivão o escrevi=Confessamos ser com juramento Leaes Vassallos de S. Magestade Fidellissima=E. D V. E.ª como Representante do Mesmo Soberano Subditos = José Pereira Filgueiras=Leandro Bezerra Monteiro=Manoel Joaquim Telles = Alexandre Raymundo Bezerra=Gonçalo José Ferreira = Francisco Pereira Maia Guimarães=Francisco José de Andrade=José Victoriano Maciel».

«Copia da veriação que se fez no dia da restauração da Villa do Crato.

Viva El Rey Nosso Senhor e toda Sua Real Familia da Caza de Bragança.

Aos 11 dias do mes de Maio de 1817 annos, nesta Villa do Crato, Comarca do Ceara Grande em Cazas da Camara onde vim eu Escrivão, que tinha servido na mesma Camara e de presente pela mesma novamente nomeado por offiicio que me dirigirão estando auzente desta Villa, pelos restauradores fui conduzido para continuar na serventia deste officio pela glorioza restauração desta Villa; hoje pela hua hora da tarde, sendo os restauradores o Capitão-mor desta Villa, o Ten.te Coronel Comm.te do Regimento de Cavallaria e o Juiz Ordinar.o o Cap.m Manoel Joaquim Telles, e mais empregados e Povos na gloriosa restauração que felismente se alcansou em nome de El Rey Nosso Senhor que Deos G.e Ahi foi tambem xamado do seu sitio o Juiz Manoel de Jezus. e o Veriador Alexandre Raimundo, e por estar prezo o Veriador

Tristão Glz e auzente o Veriador José Carlos forão para os seus lugares nomiados p.ª Veriadores o Cap.m Gonçalo Jozé Ferr.ª, Fran.co Per.ª Maia Guim.es e Interino Procurador Fran.co Joze de Andrade. A elles pelo d.º Juiz Presid.e foi dado o juramento dos Santos Evangelhos aos m.mos Veriadores p.ª q' bem e verdadeiramente servissem a S. Mag.de Fidelissima dando provas de fieis vassallos e restauradores desta Villa do jugo e pezado cativeiro em q' estiverão oito dias pelos insultantes traidores pela republica Pernambucana, e dado o juramento de fidelidade prometerão huns e os outros em tudo serem fieis ao Nosso Amado Soberano, de que p.ª constar mandarão fazer este termo q' assignarão. E eu Joze Antonio Ferr.ª Chaves, Escrivão o escrevi. Joze Per.ª Filgueiras, Leandro Bezerra Montr.º, Manoel de Jezus do Nascim.to, Manoel Joaquim Felix, Alexandre Raimundo Bezerra, Gonçalo Joze Ferr.ª, Fran.co Per.ª Maia Guim.es, Fran.co Joze de Andrade.

Está conforme a Veriação, Joze Antonio Ferr.ª Chaves».

Os irmãos Alencares e Joaquim Francisco foram remettidos no dia seguinte, 12, para o Icó e do Icó para Fortaleza. Vinham algemados. Acompanhou-os uma escolta, que do Icó para cá era commandada, não, como alguem escreveu, pelo Coronel das fronteiras Alexandre José Leite de Chaves e Mello, que a esse tempo congregava tropas para bater e aprisionar os revoltosos esparsos pelo interior da Capitania e em Parahyba e Rio Grande, mas pelo Capitão Manoel da Cunha Freire Pedrosa, como claramente se vê da acta da sessão feita a 17 de Maio pelos vereadores de Icó:

«Nesta foi aberto em Camara hum officio do Capitão mor José Bernardes Nogueira

em que participa a esta Camara que não tendo chegado a esta villa té o prezente o Capitão Juviniano de Souza Nogueira dezignado para a importante diligencia da condução dos Reos prezos vindos da Real Villa do Crato pellos motivos e rezões apontadas no mesmo officio e que em taes circumstancias não devendo demorar-se por mais tempo nesta Villa os ditos prezos offerecia prontos para a sobredita diligencia aos Capitães de Ordenança de sua Corporação Manoel da Cunha Freire Pedroza e José Ignacio de Souza Uchôa, pedindo a este Senado deliberação sobre a escolha de hum dos mencionados officiaes e a devida participação do parecer deste Senado para munir ao ponderado official das ordens necessarias, cujo officio depois de lido mandarão registar e uniformemente concordarão que o Capitão Manoel da Cunha Freire Pedroza proposto em primeiro lugar pelo dito Capitão mor fosse o encarregado desta importante diligencia da condução dos prezos, e deste mesmo parecer e concordata officiarão ao mesmo Capitão mor José Bernardes Nogueira e igoalmente officiarão sobre este mesmo objecto ao referido Capitão Manoel da Cunha Freire Pedroza official dizignado para esta deligencia offerecendo-lhe promptas para fornicimento e sustentação da Tropa que o acompanhara nesta importante deligencia da condução dos prezos quatro matulutagens, huma carga de farinha e a polvora e xumbo necessario, e que esperava a mesma Camara que o referido Capitão pellas duas horas da tarde do mesmo dia se axasse promto com

> sua tropa para tomar conta dos prezos e seguir com elles para a Capital, e porque os mesmos prezos não sahirão no mesmo dia e corria noticia de que os parentes procuravão arrancal-os da mão da justiça e até para isso pedião requisição aos povos do Rio do Peixe esta Camara officiou sobre esta demora ao dito Capitão mor José Bernardes Nogueira, protestando por qualquer desgraçado acontecimento que houvesse de succeder pela mesma demora».

O C.el Chaves e Mello, encarregado, como eu disse, de uma expedição nas fronteiras e nas Capitanias do Rio Grande e Parahyba, entrou a 29 de Maio em Porto Alegre, que só com a noticia de sua approximação e das tropas do Assu, idas por ordem de José Ignacio Borges, se rendera no dia anterior, e dalli voltou ao Icó a reunir mais tropas com as quaes executou a prisão dos revoltosos de Pombal e Souza.

Donde se vê que ainda uma vez Muniz Tavares affastou-se da verdade dos factos quando escreveu que Sampaio «não tendo a sua disposição força sufficiente para marchar contra as Provincias insurgidas contentou-se de segurar a que governava».

Entre os prisioneiros do C.el Chaves e Mello figuram o Cap.m mor da Villa de Souza Patricio José de Alencar, o Cap.m das Ordenanças Alexandre Pereira de Souza, o Vigario de Pombal P.e José Ferreira Nobre, seu pae José Ferreira de Souza e seus irmãos Capitães Manoel Ferreira de Souza e Antonio Ferreira de Souza, e David Leopoldo Targini, principal cabeça da revolta na Villa de Porto Alegre.

No caminho fugiram os presos do Capitão Manoel da Cunha. Foi isso a 23 em Cangati, do termo de Montemor o Novo, sendo curioso que Joaquim Francisco, ao escapar-se da casa do ferreiro em que estavam a pernoitar os presos e a escolta, conduziu comsigo a espada do Capitão.

Dado o alarme e batidos os matos da visinhança, foram dois dias depois capturados. A data da fuga demonstra a inverdade da affirmação de que tivessem saido a 20 da villa do Crato.

Sobre a fuga abriu devassa a 2 de Junho o juiz Albuquerque, que inqueriu 30 testemunhas, entre as quaes Raymundo Pereira do Carmo, Joaquim de Sant' Anna, Manoel Cavalcante de Lacerda, Antonio Apolinario de Lacerda, Domingos de Souza Nogueira e José Luiz de Lemos, apurando-se do inquerito que a lima com que Alencar limou os ferros, em quanto a sentinella dormia, lhe fora fornecida pelo P.e Francisco Antonio em Riacho do Sangue. Alencar declarou, quando interrogado, que subtrahira esse instrumento de dentro de uma gaveta na sua passagem pela fazenda Contracto.

Do Crato, viu-se, foram os Alencares remettidos á cadea do Icó e della ás prisões de Fortaleza. A travessia da infeliz caravana foi uma via dolorosa. Chegados em Fortaleza, recebeu-os o estreito calabouço do quartel de 1ª linha, situado entre a fortaleza e a cadea do crime.

E' occasião para rectificar o engano de Theberge e de outros que escreveram haver sido o local da prisão de D.ª Barbara e dos filhos uma masmorra subterranea praticada no interior da fortaleza.

Esse invento do amor ao mysterioso e da sympathia que gera nas almas o valor infeliz foi competentemente desfeito por Paulino Nogueira (Rev do Inst. do Ceará, annos 1888 pp. 127 e 1898 pp. 44) que aos muitos direitos que tem a ser crido ajuntava a circumstancia de se ter casado na familia das pobres victimas, e por seu filho, Dr. João Nogueira.

Nesse calabouço onde expiava o crime de amar a liberdade escreveu Alencar o seguinte soneto, que possuo em original:

Não lastimo do terrivel carcere a oppressão
Nem dos pezados ferros o rigor,
A perda dos bens me não cauza dor
Não sinto contra mim da parca a mão

A pobreza, o desprezo, a umiliação
Em mim não cauzão o menor terror
Nem pode de crueis trabalhos o vigor
Abater meu firme e const.ª coração

Dos meus parentes a esquivansa
Não sinto; e desprezo com constancia
De barbaros inimigos a vingança;

So sinto, so lamento com instancia
E trarei sempre escrita na lembrança
De certos Amigos meos a inconstancia.

He do infelis e desgrassado
Joze Martiniano Per.ª

Na sua celebre e discutida Supplica ao Imperador, enviada da Villa da Barra no Rio S. Francisco a 20 de Janeiro de 1825, Alencar assigna-se tambem com o qualificativo de desgraçado.

O soneto acima serve para pintar o estado dalma de Alencar num dos seus dias de desalento e pelo principal sentimento, pela ideia dominante relembra uns versos de D. Pedro na terra do exilio.

Do tempo da revolução ha um Soneto precioso no fundo e na forma; é o que escreveu Domingos José Martins horas antes de ser executado. Começa assim:

Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes, quasi a par da liberdade!
Em vós não tem poder a iniquidade:
A' esposa voae, narrae meus fados!

Entre os reus de Inconfidencia na Parahyba ha-

via tambem um poeta, Amaro Soares de Avellar, morador na Bahia da Traição. Preso em Julho de 17 por Manoel José Fernandes, commandante de Bananeiras, de ordem do Capitão João Barboza Vianna, fez parte da leva, que a bordo da sumaca Amparo seguiu daquella Capitania para a de Pernambuco.

E' este o soneto por elle offerecido á Mocidade Pernambucana:

A's Armas, filhos meos, a Patria brada:
A's Armas concorrei; morra o Tirano;
Reverdeça o valor Pernambucano
A gloria q' em Tabocas foi ganhada.

De Vieira e Vidal a dura espada
Não puna só o Batavo inhumano,
Vosso esforço tãobem, q' he mais q' humano,
Aos vindoiros da Gloria ensine a estrada.

He theatro de Heroes mavorcia lida;
Na campina de Marte o peito forte
Consegue o loiro, a palma florescida.

Vinde, o Ceo vos offrece illustre sorte;
He viver oprimido infausta vida,
He morrer pela Patria honrosa morte.

Dos três era incontestavelmente Alencar o menos favorecido das Musas.

A uma outra affirmação erronea, que a esse periodo tambem se refere, quero por minha vez oppor o preciso reparo. Escreveu-se que o P.e Gonçalo Ignacio (o P.e Mororó de 24), secretario de Sampaio, excitava-lhe o animo contra os prisioneiros. «Em uma situação tão dolorosa occorre a Alencar, vencendo a apertada vigilancia em que vive, escrever ao P.e Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mello, secretario de Sampaio e seu amigo, valendo-se delle como seo irmão em Christo, para que conseguisse do Governador mandar

alliviar a sorte sua e dos seos desgraçados companheiros. Mas o Padre Gonçalo, horribile dictu, esse illustre sacerdote, que mais tarde pagou com a vida os seus extremos pela liberdade, longe de interceder pelo seu irmão infeliz, entrega a pungentissima carta a Sampaio com esta nota a margem, que o leitor qualificará melhor *Como irmão poderia interessar-me pelo preso mas como subdito do rei, voltando-lhe as costas, sempre lhe direi: Morra o traidor!*»

Não é verdade, e para rebater a accusação basta recordar que o Padre Gonçalo fixara residencia em Campo Maior de S. Antonio e *nunca foi secretario de Sampaio*, e sim José Rabello de Souza Pereira, substituido durante o tempo de sua estada em commissão no Sul por Vicente de Castro desde 4 de Agosto de 1815 até a saida de Sampaio. E' certo que militava ao lado dos realistas, sendo um dos signatarios da Acta da sessão de Acclamação de D. João VI na dita villa a 4 de Maio, esteve, é certo, em Fortaleza em Novembro de 17, mas já a esse tempo os Alencares tinham sido enviados para Pern.co, donde se conclue a impossibilidade de tal nota á margem da petição de Alencar.

Mais tarde fez-se amigo do Ouvidor Carvalho e até lhe dedicou odes enthusiasticas.

O Vigario Miguel Carlos e D.ª Barbara, que haviam se retirado para um sitio nos arrabaldes da villa, dahi passaram-se occultamente para suas fazendas no termo do Rio do Peixe, onde os houveram á mão a 13 de Junho tropas idas do Icó. Em carta de 16 dizia Filgueiras a Sampaio que lhe *constava* a prisão estando os dois nas ditas fazendas.

Enviados para Fortaleza, vieram aqui reunir-se aos outros detentos.

Tambem em Junho foram agarrados Frei Francisco no Taboleiro Alto em casa do P.e João Bandeira e trajando roupas de mulher e no termo do Julgado de Cabrobó Ignacio Tavares Benevides. Executou a deligencia uma escolta sob o commando de Francisco Lopes de Souza, que acompanhado do cabo

de cavallaria Florencio Antonio Diniz os entregou a Sampaio de ordem de Filgueiras

Resumindo-se, tem-se assim a serie das datas em que foram presos os principaes accusados:

A 30 de Março de 1817 o Ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho; a 3 de Abril o P.e Fran.co Manoel de Barros; a 29 de Abril Francisco Alves Pontes e Mathias José Pacheco; a 11 de Maio P.e José Martiniano, Tristão Gonçalves, P.e Carlos José dos Santos e Joaquim Francisco de Gouveia; a 13 de Junho D.a Barbara de Alencar, o Vigario Miguel Carlos e Jeronymo de Abreu; a 25 de Junho Frei Fran.co de Sant' Anna Pessoa e Ignacio T. Benevides; a 26 de Julho Antonio de Hollanda Chacon e Francisco Cardoso de Mattos; a 19 de Dezembro Fran.co Antonio Raposo da Camara, os quaes, todos, foram pronunciados a 13 de Setembro de 1818.

As prisões, portanto, dos chamados Reus de Inconfidencia e bem assim as chegadas delles a Fortaleza realizaram-se em dias diversos e não conjunctamente, o que relega para os dominios da phantasia muito do que por ahi anda escripto e commentado. A vida atribulada dos Alencares nesse afan generoso de nacionalização da nossa patria tem tanto de bello e suggestivo, encerra tão profunda lição de civismo e de amor á liberdade que dispensa atavios da lenda, basta pintal-a qual foi realmente para despertar universal sympathia.

Não serei eu, todavia, quem busque destruir a lenda; todos os povos, grandes e pequenos, tem dessas creações e de varios generos; a lenda Alencarina ao mesmo tempo que endeosa os martyres servirá para afervorar o culto dos sentimentos affectuosos e das nobres ideas, pregar ao povo o sacrificio pelas convicções, o amor á patria, a resignação no soffrimento.

Uma relação dos implicados dá-a Manoel Jozé de Albuquerque em appendice a um seu officio escripto do Crato a 13 de Dezembro. E' assim formulada:

N.º 1.º Addendo a relação dos revolucionarios q' influirão em pertenção de revolucionar esta Capitania.

Antonio Joaquim e Manoel Tavares de Mello (disse que morreo) Comm.tes dos Aventureiros.

N.º 2.º Suspeito de Inconfidencia o Vigario do Icó Domingos da Motta Teixeira (retido). Menos suspeito Manoel do Espirito Santo da Paz.

N.º 3.º Traidores da Revolução do Crato. Infames cabeças: José Martiniano (preso), Tristão Glz (preso), Ignacio Tavares Benevides (preso), Fran.co Carlos Zacarias (preso) e Fr. Fran.co de Santa Anna Pessoa (preso).

Muito culpados: Miguel Justo, Jeronimo de Abreu (preso), Luis Pereira, Estevão José da Silva, João Baptista, Antonio de Olanda (preso), Raymundo Pr.a Magalhães, Joaq.m da Costa, Fran.co Jorge, Antonio Carneiro, Manoel Correia, Felix Carneiro, Antonio da Costa, Manoel da Costa, Antonio Roiz, José Vicentepardo, Manoel Domingues (preso) Francisco Antonio Raposo (preso), Gonçalo Dias, Manoel Pr.a de Brito (preso), Antonio Taveira, Manoel da Silva, Julião de tal, Feliciano de tal, João Per.a, Barbara Per.a (presa), Miguel Carlos da S.a Saldanha (preso), Joaq.m Fran.co de Goveia (preso) e o preto Brejão.

Culpados: Joze Carlos (preso), Alexe Raimundo (preso), o P.e Carlos Joze (preso), Bartholomeu Alz (preso), Fran.co Per.a Maia (preso), Fran.co Cardozo (preso), Fran.co Serino e Joze Sipriano Gaforini (preso).

N.º 4.º Revolucionarios da Villa do Jardim: Leonel Per.a de Alencar e Fran.co Pereira Arnau. Menos revolucionarios: Vasco Marinho Falcão e Manoel Tavares Munis.

N.º 5.º Comarca do Sertão de Pern.co Inconfidentes o P.e João Bandeira Martinho da Costa Agra e Manoel da Costa Agra.

A noticia do restabelecimento da ordem foi recebida com satisfação pelos povos da Capitania, celebrando-se por esse motivo actos religiosos nas diversas localidades. Na Matriz do Senhor Bom Jesus de

Jardim por occasião da Missa em acção de graças orou o Vigario Antonio Manoel de Souza.

O sermão, que faz parte dos meus autographos, está publicado na Revista da Academia Cearense, anno de 1912, juntamente com a carta em que elle o offerece a Sampaio com as expressões as mais encomiasticas. Dita carta começa assim: As sabias, energicas dispoziçoens, que V. Senhoria tem dado em todo o tempo do seo governo e principalmente na mais critica quadra proxima passada em q' esta Capitania abalada pelas veementes concussoens das Capitanias limitrofes precizava de hua mão habil, hum braço forte, q' a fizesse reduzir ao antigo equilibrio das Leis, contendo-se entretanto nos limites da mais provada prudencia, elevando o nome de V. Senhoria ao mais eminente e mais distincto grao de heroismo tem comprado toda a estima daquellas pessoas a quem xega a noticia de tão grandes e tão heroicos feitos» e prosegue no mesmo diapasão até o fim.

Pelo mesmo modo em extremo elogioso ao governador se manifestou o P.e Joaquim de Paula Galvão no discurso, que proferiu na Matriz de Santa Cruz do Aracaty.

A todas as manifestações, porem, sobrepujaram de muito em duração e brilhantismo as que se fizeram em Fortaleza. Vale a pena aqui consignal-as. A linguagem em que as descreve um documento da epoca fornece bem a medida da popularidade e estima, que gozava Sampaio, como tambem serve para dar á geração actual uma ideia dos usos e diversões daquelle tempo. O documento descreve por esta forma os festejos havidos em Fortaleza:

«Com toda satisfação annunciamos a scena a mais encantadora, a que os nossos olhos innundados com lagrimas ternas davão o testemunho, do quanto lhes era sensivel. Vimos hum homem asemilhado a Deus mesmo, que em si tem as suas complancencias, e que em hum repouzo inalteravel olha indeferentemente para os

aplausos excitadores do amor proprio. O Governador do Ceará appareceu para mostrar ao mundo prevaricado que ainda ha homens dignos de sua admiração, e que hum Vassallo fiel nunca deixa de attribuir ao Soberano os elogios bem merecidos das suas virtudes moraes.

A 12 deste mez, dia Natalicio do Principe Real do Reino Unido, o corpo do Commercio solemnisou com toda a pompa o seu justo agradecimento ao Senhor Deus dos Exercitos pela feliz restauração de Pernambuco, e livramento heroico da nossa Capitania. A magestade, o brilhante apparato do culto tocarão ao intimo de nossa veneração. Huma missa cantada por vozes escolhidas annunciava os vivos transportes do geral contentamento. Com huma oração panegyrica mostrou-se a protecção de Deus sobre o Reino Unido, e apparecerão as prevaricações dos Massonistas, que pertendem tombar e até demolir a Realeza. O acto terminou-se com hum Te-Deum de muzica. Todas as Auctoridades e Officiaes assim de tropa de linha como dos demais corpos militares assistirão com o Governador a esta solemnidade, já principiada a nove dias successivos. Depois das dezcargas de mosquetaria seguiu-se a salva da Fortaleza que foi repetida no mar pela Galera—o Imperador da America—Tres dias antes houve illuminação espontanea em toda a Villa e na vespera hum fogo de artificio brilhantissimo, no fim do qual apareceu o Retracto de Sua Magestade. Então o Governador bradou—Viva El-Rei Nosso Senhor—e o povo transportado respondeu igualmente—Viva El-Rei Nosso Senhor—Viva o Rei do Reino Unido—Na noite do dia 12 apresentou-se publica e gratuitamente hua pesça Dragmatica, aceadamente executada. Na tarde do dia 13 correrão tres chafarizes, que offerecião livremente a todo o povo tres deferentes qualidades de licor; e para regalar o Governador e Nobreza da Capital e mais convidados offereceo-se uma lauta e magnifica merenda debaixo de huma espaçosa barraca no baluarte da Fortaleza denominada de Nossa Senhora d'Assumpção. Derramava-se a profusão, e no semblante de todos bri-

lhavão os innocentes prazeres que a gratidão e o amor produzem. Virão-se a Justiça e a Paz beijarem-se mutuamente, e como os filhos de Isac todos se assentarão ao redor da Alteza de seu Pai. Pelas sette horas da noite doze meninos ricamente vestidos apresentarão huma scena ternissima. Elles vinhão conduzidos em hum carro triumfal, e pararão defronte da barraca. Depois de se apearem com seus ternos braços interlaçados formarão huma cadeia, sobre a qual huma menina de seis annos adornada dos encantos da innocencia passou airozamente e aproximando-se ao governador derramou-lhe sobre a cabeça um sem numero de flores. A linda Carolina parecia Flora mesma! Ella fica ao lado do governador emquanto os outros apresentão huma contradança engenhosa ao som de muzica instrumental e no fim arrancando do peito, estes offerecem ao seu illuste chefe huma palma de Victoria, adornada de perpetuas: Como se dicessem— a paz de que gozamos forma a tua immortalidade—Logo trazendo em suas candidas maons varios emblemas abertos em caractéres Romanos, que significavão todas as acçõens do Governador, os mostrão aos espectadores. Aqui o povo não pode mais conter-se: transporta-se, encanta-se e rompe em altas aclamaçõens sem cessar—Viva o nosso Governador—Viva o immortal Sampaio—Então o Governador impondo silencio, fez esta fala—Sou por extremo sensivel e muito reconhecido as reiteradas provas de effusão, que tenho recebido do corpo do Commercio desta Capital, e em geral dos povos de toda a Capitania. Não cessarei de repetir: nada mais tenho feito do que exforçar-me para dar perfeito cumprimento ás Reaes Ordens de Sua Magestade. Felis, se o tiver conseguido. He a Sua Magestade que todos devemos dirigir os nossos agradecimentos: he a seu paternal amor que os vassallos do Reino Unido são devedores da felicidade, de que actualmente gozão, cuja continuação pende unicamente de que todos nos continuemos a nos mostrar dignos deste Nome—Viva El-Rei Nosso Senhor—Viva a Familia Real—Aqui não ha

expressões que mostrem os transportes internecedores de hum povo quaze immenso! Investem ao Governador e o levantão até os ares e cada hum a porfia o aperta entre os seus braços. Em vão a modestia do Governador procura evacuar-se a estes excessos lisongeiros, mas nascidos da mais pura affeição: quanto mais elle recusa, tanto mais elles se exforção a conduzillo em braços desde a Fortaleza até o Palacio. Elles avanção e neste carro gloriozo o conduzem com alegres e altos brados—Viva o nosso Governador—Viva o nosso Bemfeitor—Viva o salvador do Ceará—As mesmas senhoras se unirão ao concurso, que parecião apostadas a qual tocasse primeiro o corpo do Libertador da sua honestidade, da vida e da paz dos seus esposos e de seus filhos. O restante da noite se passou em divertimentos e concerto de muzica vocal e instrumental no Palacio do Governador, que em breve tempo elle poude apronptar, posto que não esperasse tal acontecimento mavioso a que se não poude negar.—Villa da Fortaleza, 16 de Outubro de 1817».

Em carta de 20 de Abril dizia Sampaio ao Conde da Barca:

> «Como quer que seja seguro a V. Eia para que V Eia o haja de segurar a S. Magestade que o terreno da Capitania do Ceará em quanto Deus me der vida hade ser disputado aos levantados passo a passo para dar tempo a chegada dos soccorros de Lisboa e dessa Corte. Sei que os levantados de Pernambuco, certos da impossibilidade de me subornarem, desejão a minha cabeça, ao menos assim o dizião nos primeiros dias da revolução e m'o fizerão constar, persuadidos que desta maneira me farião succumbir, o que jamais tinhão podido conseguir com os libellos infamatorios e mais papeis falsificados que fiserão apparecer contra mim que tinhão o duplicado fim ou de me fazer succumbir ou de se me dar successor. Como quer que seja, qualquer

que seja a opinião que V Ex.ª forme sobre estes objectos pode V Ex.ª segurar a S. Mag.e que so veneno ou outra semelhante traição me poderá fazer succumbir (á roda de mim tenho muita gente fiel que vigia sobre este artigo mais do que eu mesmo) e que emquanto eu for vivo as Quinas Portuguezas hão de sempre flamular sobre a costa do Ceará».

Sampaio manteve a palavra, cumpriu o promettido: jamais as auras das costas Cearenses beijaram o pavilhão branco e azul da Republica.

Os Reus de Inconfidencia, em numero de 25, seguiram por mar para Pernambuco sob a vigilancia de José Firmino da Silva, e os respectivos Processos foram levados por Antonio Ignacio de Torres Bandeira, que fez delles entrega ao Presidente da Alçada a 27 de Julho de 1818.

Transferidos de Recife para Bahia em cujas prisões, onde já desde 16 de Abril jaziam o Ouvidor Carvalho e Alves Pontes e desde 27 de Agosto Mathias José Pacheco, deram entrada a 9 de Outubro de 1818, José Martiniano e seus companheiros tiveram a ventura de encontrar os animos menos excitados e menos sedentos de vingança, e, como irrompesse a desharmonia entre Luiz do Rego e o Presidente da Alçada Bernardo Teixeira veio do Rio de Janeiro ordem para se concluir de prompto a Devassa e para se entregar á Relação da Bahia os presos não innocentes, em cujo numero foram incluidos.

A Relação da Bahia tendo julgado nulla a monstruosa Devassa em Agosto de 1821, raiou para os pobres martyres o sol da liberdade.

Muitos mezes não eram decorridos, e os acontecimentos davam razão aos sonhadores de uma patria livre, unida e prospera, e sinão todos, porque o despotismo ferreo a alguns fez eternamente mudos no fundo dos carceres, na bocca dos fusis ou ás mãos do carrasco ignobil, a mor parte delles saudava com o

sol do 7 de Setembro na planicie do Ypiranga a aurora de uma nova existencia para a terra Brasileira.

D.ª Barbara, incluida no perdão de 6 de Fevereiro de 1818 por Aviso de 2 de Outubro de 1820, fora solta por mandado de 17 de Novembro, como tambem já haviam sido postos em liberdade o P.e Carlos José e Leonel Pereira de Alencar por Aviso Regio de 2 de Dezembro de 1820, mandado executar a 17 por officio do Conde de Palma ao Dez.r Bernardo Teixeira.

A dois dos implicados não aproveitou mais o perdão, Geraldo Henriques de Mira e José Francisco da Silva, de appellido o Petisco; libertara-os a morte, a este na cadea da Bahia a 5 de Novembro de 1817 e a aquelle na prisão de Fortaleza a 22 do mesmo mês e anno.

Os estudiosos da historia patria comprazem-se em denominar a Revolução Pernambucana um acontecimento imprevisto; inesperado rompimento dil-a o chefe da Divisão Rodrigo José Ferreira Lobo na sua Proclamação de 25 de Abril. Não qualificarei assim um movimento politico e social que vinha ha annos preoccupando os espiritos, que trazia de ha muito interessados os homens de maior illustração e influencia na Capitania; chamal-o-ei antes extemporaneo, precoce, antecipado, ainda não de todo amadurecido; mas o qualificativo de imprevisto, de inesperado assenta bem e com toda razão no movimento de que o Cariri foi theatro. Só o ardor juvenil de Alencar poderia machinal-o e suppor que se lhe reservava o triumpho quando todos os elementos se accordavam em negar-lhe uma efficaz collaboração.

Em Recife havia a ferver o odio entre os militares Europeos e Brasileiros, odio que afinal explodiu devido ás perfidas medidas tomadas contra os nacionaes e ás apostrophes insolentes e insultuosas usadas por altas patentes da tropa contra officiaes cheios de patriotismo e pundonor, havia *academias* onde se discutiam e ensinavam as doutrinas dos Encyclopedistas e clubs e conventiculos onde se tramava contra o Rei, havia cerebros possantes e almas dispostas a todo sacrificio,

e tudo isso faltava nos Cariris, terra de habitantes ingenuos, sem instrucção, sem aspirações politicas, sem consciencia do seu valor proprio, região onde havia absoluta carencia do mais rudimentar elemento para a effectivação de actos de tamanha responsabilidade, onde a alma do povo nem de leve vibrava á idéa de ser necessaria e util a mudança do regimen, onde não se comprehendia o que fosse soberania popular. Soberania popular no Cariri nos começos do seculo dezenove! Numa palavra, o movimento de 17 no Ceará foi obra de uma familia, não interessou as diversas classes sociaes, não foi producto da opinião publica.

Dahi seu rapido destroço dadas as circumstancias em que foi elaborado dahi o nenhum apoio, que encontrou dentro e fora da Capitania.

Movimento operado em taes condições, sem previo preparo, sem programma, sem causa economica para explical-o, sem tropas cuja dedicação estivesse garantida e sem chefes na altura da situação por seus talentos e popularidade teria de fracassar fatalmente, succumbir em curto praso de tempo; planta sem raizes, não podia vingar.

Ha, entretanto, no movimento Cratense uma circumstancia digna de registo, uma face muito para ser applaudida e admirada: a Revolução se fez e se concluiu no Ceará por modo incruento, muito differentemente, portanto, do que occorreu em Pernambuco, onde ella se iniciou sobre os cadaveres do Brigadeiro Manoel Joaquim e do Ajudante Alexandre Thomaz e teve a noite do seu triste occaso banhada em ondas de sangue, derramado em combates e refregas e mais tarde pela mão do verdugo.

Isso honra e glorifica os revolucionarios cearenses como tambem a Sampaio, pintado, aliás, e injustamente como sanguinario em todos os escriptos dos seus antagonistas.

O governador do Ceará não foi o tyranno descripto na «Proclamação aos Cearenses, Povo Brioso».

Explicam-se trechos e conceitos desse documento

tão somente pelo odio, que acato e comprehendo, despertado contra o unico dos governadores que oppoz barreira intransponivel ás novas idéas; mas força é reconhecer que occupando um logar de confiança do Rei, e seu papel sendo zelar por todos os meios pelo deposito de que estava encarregado e intacto entregal-o, não teve Sampaio as mãos manchadas de sangue; elle nunca ordenou nem propoz a creação de commissões militares; si não revelou-se frouxo e inepto como Caetano Pinto, que, apesar da denuncia formal feita a 1 de Março por Cruz Ferreira e Manoel de Carvalho Medeiros, alcunha de bebedeiras e rapasiadas as demonstrações mais claras e seguras da revolução em movimento, encurrala-se, timido, no recinto de uma fortaleza, capitula e foge, não foi tambem um Conde dos Arcos, que manda espingardear homens como si fossem lobos e faz fuzilar o infeliz emissario P.e Roma com requintes de malvadez para angariar o favor do Rei, suspeitoso de sua fidelidade, e a quem mais tarde por suas traças chegou até a amedrontar.

Isto é o que nos ensina a verdade dos factos, em que pese aos sentimentaes.

Em capitulo especial estudarei o rumo, que tomaram na vida publica os chefes da Revolução de 1817. Esse estudo mostrará uma das muitas ironias com que o Destino se compraz, vendo-se como os revolucionarios de hoje estão amanhã ministros e senadores da Monarchia, e os partidarios do Rei transformam-se por sua vez em martyres da Republica.

Hoje que se contam 100 annos do grito da Independencia na terra Cratense recordemos com sentimentos de sympathia, gratidão e respeito os que trabalharam por ella e por ella soffreram dores e ignominias.

3—5—1917.

BARÃO DE STUDART.

A linha 27, pag. 146, lea-se Almeida e não Alencar.